


## Metáfora do líquido, linguagem e comunicação

Thaisa Bueno

SANTAELA, Lúcia. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. 468 páginas. ISBN: 978-85-349-2765-9.

 papel da linguagem na transformação do sujeito a partir da sua relação com diferentes ferramentas de comunicação é o foco principal de “Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade”. O livro, dividido em 17 capítulos, mostra o quanto as linguagens sofreram alterações à medida que passaram a ser entrecortadas por tecnologias. Para defender a tese de que também as linguagens passam pela influência da metáfora do líquido, à luz de Bauman e outros pensadores, Santaela explica o adjetivo como um estado de ‘desmontagem’, sem nenhuma perspectiva de permanência. Como pontua, essa modernidade líquida requer que repensemos os velhos conceitos, inclusive o das narrativas estruturadas em sistemas, provando, assim, que também as linguagens estão no campo das instabilidades.

Outro ponto levantado nessa perspectiva é a questão da autoria. O objetivo foi problematizar as noções tradicionais de estilo em função dos impasses que a emergência de

novos modos de produção comunicacional promoveram. Para Santaela, esse resgate todo serve de base para entender a conjuntura atual, em que as tecnologias retomam a lógica da autoria coletiva: “nublam as fronteiras entre produtores e consumidores, emissores e receptores”.

Numa segunda etapa, a autora deixa de lado o sujeito para voltar-se diretamente para os meios de comunicação. Um dos pontos-chave é a análise do papel da fotografia. Inclusive, dedica pelo menos três capítulos para tratar da evolução da imagem até a estética do remix. Para ela, todas as imagens tecnológicas anteriores pertencem ao que chama de Paradigma Fotográfico, quer dizer, são imagens que dependem de uma máquina de registro e implicam objetos reais preexistentes. Essas não são as mesmas imagens de hoje, numéricas, que se instauraram em um novo paradigma. Nessa discussão chega a cogitar estarmos entrando num momento que poderia ser chamado de Era da Pós-Imagem, já que o hipertexto representaria o triunfo do texto na nova organização social. No entanto, mais à frente, ela defende que, com o surgimento dos dispositivos móveis, a imagem retoma seu status e se consagra como uma linguagem dos novos tempos.

Num terceiro momento, traz a discussão para o campo do espaço. Santaela mostra como a imagem se reconfigurou com o surgimento dos dispositivos móveis. Nomadismo, ubliquidade, espaços fluidos são alguns conceitos para

entender essa configuração. A autora faz uma dura crítica às teorias que dividem os mundos entre real e virtual, o que chama de “metáfora dos universos paralelos”. Para ela, os dois mundos estão interligados e não eliminam o mundo físico. “Vivemos em espaços híbridos, conjuntos, não excludentes”. E é isso que a obra encerra: Não se pode falar em sociedade líquida sem aceitar a liquidez também das linguagens que as permeiam.